



NOTA DE INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA 119|2016

Estudo da Central de Balanços | 26

Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2011-2016

24 de novembro de 2016

O Banco de Portugal publica hoje o *Estudo da Central de Balanços | 26*, com informação sobre a situação económica e financeira das sociedades não financeiras em Portugal entre 2011 e 2016.

Os resultados foram apurados com base, essencialmente, na informação da Central de Balanços do Banco de Portugal. São apresentados para o total das empresas, por classes de dimensão – microempresas, pequenas e médias empresas (PME) e grandes empresas – e por setores de atividade económica (“agricultura e pescas”, “indústria”, “eletricidade e água”, “construção”, “comércio” e “outros serviços”). São ainda complementados com detalhe sobre os empréstimos bancários obtidos por estas empresas no sistema financeiro residente em Portugal.

Estrutura e dinâmica

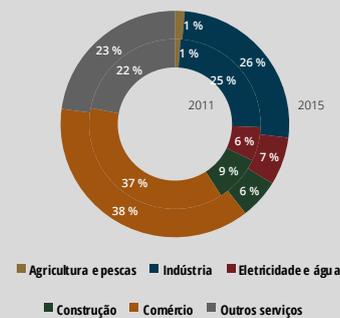
408 mil empresas em 2015; 89 por cento eram microempresas; 41 por cento do volume de negócios provinha das grandes empresas

Em 2015, 89 por cento das 408 mil sociedades não financeiras existentes eram microempresas. No entanto, as grandes empresas (0,3 por cento do total) geravam a maior parcela do volume de negócios (41 por cento).

O peso das microempresas no total das empresas aumentou 1 ponto percentual (p.p.) relativamente a 2011. A parcela do número de pessoas ao serviço das grandes empresas também aumentou, 2 p.p.. O peso das PME diminuiu 1 p.p., atendendo ao número de empresas e de pessoas ao serviço.

Em 2015, os setores de atividade económica mais relevantes, atendendo ao número de empresas, eram os “outros serviços” (48 por cento) e o “comércio” (26 por cento). Considerando o volume

Gráfico 1 • Estrutura | Volume de negócios por setores de atividade económica (2011 e 2015)

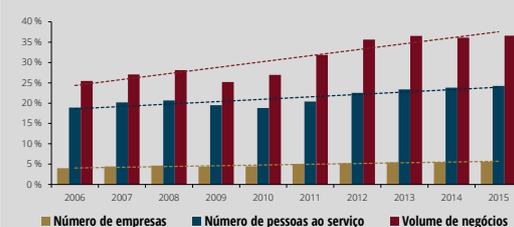


de negócios, assumiam maior importância o “comércio” e a “indústria” (38 e 26 por cento, respetivamente) (Gráfico 1).

Relativamente a 2011, destaca-se a redução do peso da “construção” no número de empresas (-2 p.p.), no volume de negócios (-3 p.p.) e no número de pessoas ao serviço (-3 p.p.).

Em 2015, 6 por cento das empresas integravam o setor exportador¹. Estas empresas agregavam 24 por cento das pessoas ao serviço e 37 por cento do volume de negócios das empresas em Portugal,

Gráfico 2 • Peso do setor exportador no total das empresas (2006 a 2015)



prossequindo o crescimento observado desde 2006 (Gráfico 2).

O número de empresas em atividade em Portugal aumentou cerca de 1 por cento em 2015. Este crescimento foi superior em 0,5 p.p. ao registado em 2014.

Em termos de repartição geográfica, apesar de a Região Norte agregar a maior parcela de empresas (33 por cento), a Área Metropolitana de Lisboa era responsável pela maior fatia de volume de negócios (47 por cento) e de pessoas ao serviço (38 por cento).

Atividade e rendibilidade

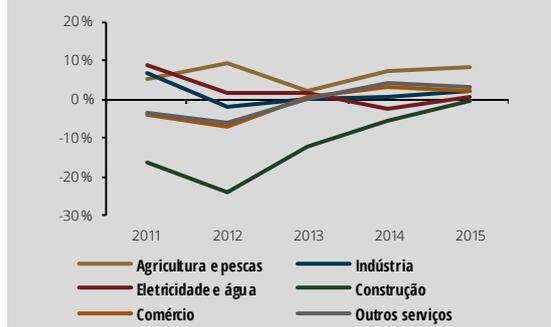
Volume de negócios aumentou 2 por cento em 2015, tal como em 2014

À semelhança do ano anterior, o volume de negócios das empresas aumentou cerca de 2 por cento em 2015. A evolução deste indicador foi mais positiva nas PME e nas microempresas (5 e 2 por cento, respetivamente) do que nas grandes empresas (0,4 por cento).

Por setores de atividade económica, destaca-se o aumento do volume de negócios da “agricultura e pescas” (9 por cento). Apenas a “construção” registou um decréscimo do volume de negócios (0,4 por cento) (Gráfico 3).

Tanto o mercado externo como o mercado interno contribuíram para o crescimento do volume de negócios. O mercado interno foi responsável por 2 p.p. da variação total.

Gráfico 3 • Volume de negócios | Taxa de crescimento anual (2011 a 2015)



Os gastos da atividade operacional aumentaram 2 por cento em 2015, em linha com a evolução do volume de negócios. Todas as componentes destes gastos cresceram relativamente a 2014, mas a evolução foi mais acentuada nos gastos com o pessoal (crescimento de 5 por cento, acima da variação de 2 por cento dos fornecimentos e serviços externos e de 1 por cento do custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas).

A evolução conjugada dos rendimentos e gastos operacionais determinou que o *EBITDA* das empresas aumentasse 25 por cento em 2015. A percentagem de empresas com crescimento do *EBITDA* foi semelhante à de 2014 (54 por cento). Cerca de um terço das empresas apresentaram valores negativos para o *EBITDA* em 2015 (2 p.p. abaixo da proporção registada em 2014) (Quadro 1).

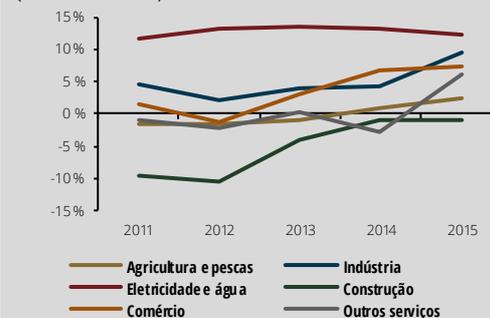
Quadro 1 • *EBITDA* | Proporção de empresas com crescimento anual do *EBITDA* e com *EBITDA* negativo (2014 e 2015)

		Empresas com crescimento anual do <i>EBITDA</i>		Empresas com <i>EBITDA</i> negativo	
		2014	2015	2014	2015
Total das empresas		54,2 %	54,4 %	35,3 %	33,1 %
Por classes de dimensão	Microempresas	53,8 %	54,4 %	37,5 %	35,4 %
	PME	56,7 %	54,4 %	16,5 %	14,6 %
	Grandes empresas	60,2 %	53,8 %	8,3 %	9,3 %
Por setores de atividade económica	Agricultura e pescas	56,1 %	51,9 %	29,6 %	30,7 %
	Indústria	54,4 %	54,5 %	28,9 %	26,3 %
	Elet. e água	50,7 %	47,2 %	30,1 %	27,7 %
	Construção	52,9 %	53,9 %	35,0 %	31,9 %
	Comércio	54,8 %	55,4 %	36,9 %	33,7 %
	Outros serviços	54,0 %	54,1 %	36,4 %	34,8 %

Rendibilidade dos capitais próprios aumentou para 7 por cento em 2015

A melhoria dos resultados operacionais resultou num aumento da rendibilidade dos capitais próprios em 2015 (de 7 por cento, superior aos 3 por cento registados em 2014). A rendibilidade aumentou para todas as classes de dimensão e para a generalidade dos setores de atividade económica (Gráfico 4). A rendibilidade foi positiva em todas as classes de dimensão.

Gráfico 4 • Rendibilidade dos capitais próprios (2011 a 2015)



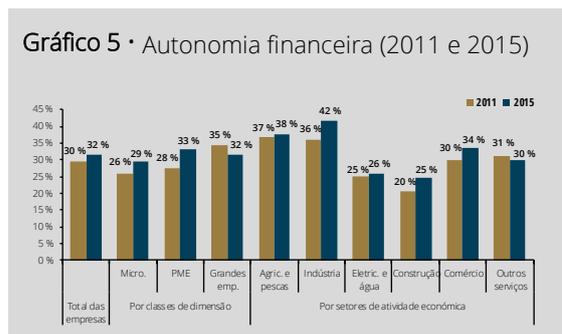
Em 2015, a rentabilidade operacional equivalia a 11 por cento do volume de negócios total das empresas, enquanto a rentabilidade líquida representava 4 por cento desse valor (ambos os indicadores aumentaram 2 p.p. face a 2014).

As empresas com rentabilidades mais elevadas apresentavam maior exposição ao mercado externo, maior rentabilidade operacional, que se refletia numa rentabilidade líquida mais elevada, e menor dependência de capitais alheios.

Situação financeira

32 por cento do ativo era financiado por capitais próprios e 29 por cento das empresas tinham capitais próprios negativos

Em 2015, 68 por cento do ativo das empresas era financiado por capitais alheios, resultando numa autonomia financeira de 32 por cento (Gráfico 5). Em relação a 2011, a autonomia financeira aumentou 2 p.p., diminuindo apenas nas grandes empresas e nos “outros serviços”.



Em 2015, 29 por cento das empresas estavam particularmente dependentes do financiamento por capitais alheios, ao registarem capitais próprios negativos.

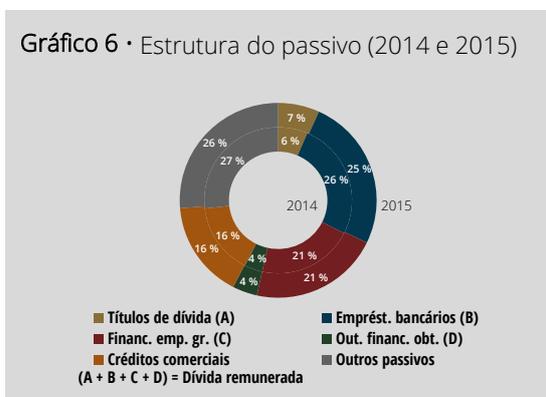
Empréstimos bancários e financiamentos de empresas do grupo eram as componentes mais relevantes da dívida remunerada

Em 2015, a dívida remunerada e os créditos comerciais eram as principais fontes de financiamento alheio, representando cerca de 74 por cento do passivo do total das empresas (Gráfico 6). Os empréstimos bancários constituíam a componente mais relevante da dívida remunerada (25 por cento do passivo), seguidos dos financiamentos de empresas do grupo (21 por cento do passivo). Os títulos de dívida e os outros financiamentos correspondiam a 7 por cento e a 4 por cento do passivo, respetivamente.

Com exceção dos títulos de dívida (crescimento de 2 por cento), todas as componentes do passivo registaram decréscimos em 2015, com destaque para

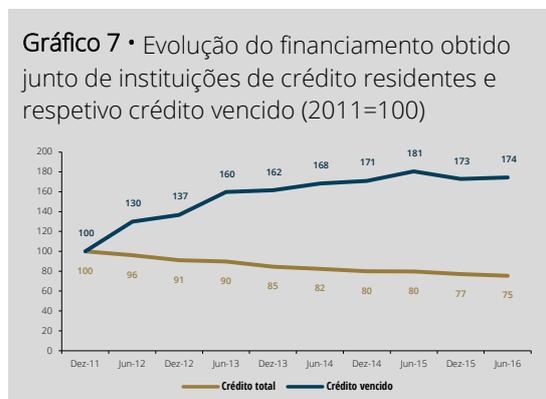
os empréstimos bancários (-6 por cento) e para os outros passivos (-5 por cento), que justificaram a maior parcela da variação do passivo (2,9 p.p., dos 3,4 por cento).

Gráfico 6 • Estrutura do passivo (2014 e 2015)



A informação disponível para 2016, compilada pela Central de Responsabilidades de Crédito do Banco de Portugal, mostra que o crédito concedido às empresas não financeiras pelo sistema financeiro residente tem diminuído. No final do primeiro semestre de 2016, representava 75,4 por cento do valor observado no final de 2011 (Gráfico 7). No mesmo período, houve uma degradação da qualidade do crédito: o rácio de crédito vencido situava-se em 16,7 por cento no final do primeiro semestre de 2016; em 2011 ascendia a 7,2 por cento.

Gráfico 7 • Evolução do financiamento obtido junto de instituições de crédito residentes e respetivo crédito vencido (2011=100)



O rácio de crédito vencido aumentou em todos os setores de atividade económica e classes de dimensão entre o final de 2015 e o final do primeiro semestre de 2016, com exceção da “eletricidade e água”.

A diminuição dos juros suportados contribuiu para a redução da pressão financeira

Em 2015, a dívida remunerada sob a forma de juros representava 58 por cento do passivo das empresas. Os juros suportados pelas empresas não financeiras em Portugal diminuíram 12 por cento em relação a 2014. Este decréscimo foi transversal a todas

as classes de dimensão e setores de atividade económica (Quadro 2).

A diminuição generalizada da pressão financeira das empresas (medida pelo peso dos juros no *EBITDA*) justificou-se pela conjugação das evoluções dos juros e do *EBITDA*. Uma proporção equivalente a 20 por cento do *EBITDA* foi consumida, em 2015, por juros suportados (28 por cento em 2014).

Quadro 2 • Taxa de crescimento anual dos juros suportados e pressão financeira (2014 e 2015)

		Taxa de crescimento anual dos juros suportados		Pressão financeira (Juros suportados / <i>EBITDA</i>)	
		2014	2015	2014	2015
Total das empresas		-6,3 %	-11,8 %	27,9 %	19,7 %
Por classes de dimensão	Micro-empresas	-9,1 %	-16,0 %	61,3 %	31,9 %
	PME	-3,4 %	-11,2 %	23,9 %	19,1 %
	Grandes empresas	-7,5 %	-10,3 %	25,1 %	17,3 %
Por setores de atividade económica	Agricultura e pescas	1,6 %	-5,9 %	21,2 %	16,8 %
	Indústria	-8,9 %	-17,6 %	17,4 %	10,6 %
	Elet. e água	0,4 %	-5,3 %	28,0 %	26,9 %
	Construção	-16,4 %	-20,1 %	64,9 %	58,5 %
	Comércio	-6,2 %	-15,1 %	16,6 %	13,3 %
	Outros serviços	-5,4 %	-9,9 %	36,0 %	21,2 %

A análise do índice de cobertura de juros (*ICR*) é uma alternativa para a interpretação da pressão financeira sobre as empresas, medindo a capacidade do *EBITDA* para fazer face ao pagamento dos juros suportados. Nas empresas que efetivamente suportaram juros em 2015 (48 por cento das empresas, associadas a 88 por cento do passivo e 97 por cento da dívida remunerada do total das

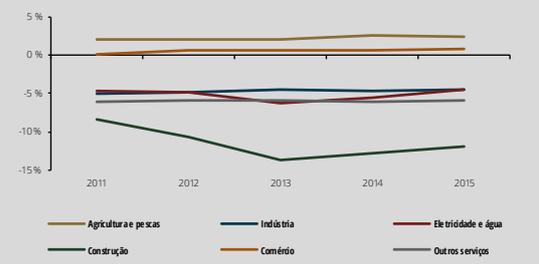
empresas), 24 por cento do passivo total estava associado a empresas que não geravam *EBITDA* suficiente para fazer face aos juros suportados (32 por cento em 2014). Por outro lado, cerca de 58 por cento do passivo respeitava a empresas cujo *EBITDA* era superior em pelo menos três vezes aos juros suportados (46 por cento em 2014). A parcela de passivo das empresas com rácio de cobertura de juros superior a 3 aumentou consecutivamente de 2012 em diante.

As empresas não obtiveram financiamento líquido por dívida comercial

A dívida comercial representava 16 por cento do passivo total das empresas em 2015, mantendo um peso relativamente estável face a 2014.

Não obstante, em termos líquidos, o saldo das rubricas de fornecedores e clientes ponderado pelo volume de negócios permaneceu negativo em 2015 (-3 por cento), o que reflete a incapacidade das empresas para obterem, em média, financiamento por esta via. De facto, as empresas financiaram os seus clientes num valor superior ao financiamento que obtiveram dos seus fornecedores (Gráfico 9).

Gráfico 9 • Financiamento líquido por dívida comercial | Em percentagem do volume de negócios (2011 a 2015)



¹ A definição de setor exportador encontra-se detalhada na publicação *Estudos da Central de Balanços | 22 – Análise das empresas do setor exportador em Portugal*, de junho de 2015.

Informação adicional disponível em:

[Domínio estatístico das estatísticas da central de balanços do BPstat | Estatísticas online](#)

[Suplemento ao Boletim Estatístico 2/2013 sobre as estatísticas das empresas não financeiras da Central de Balanços](#)

[Estudo da Central de Balanços n.º 26 sobre as sociedades não financeiras](#)

Banco de Portugal | info@bportugal.pt